

volta para Porto Alegre, onde retoma o curso de letras. Seu livro de estreia, *Inventário do irremediável*, é lançado em 1970. Na sequência, viria o primeiro romance, *Limite branco* (1971), publicado durante o curto período em que mora numa comunidade hippie carioca. Volta para Porto Alegre e dedica-se ao teatro, mas logo viaja para uma temporada na Europa, onde trabalha como garçom, faxineiro, lixeiro e modelo vivo. Seu próximo livro são os contos — três dos quais censurados — de *O ovo apunhalado*, lançado em 1975 com prefácio de Lygia Fagundes Telles, sua amiga e “fada madrinha”. Em 1977, publica *Pedras de Calcutá* e, no ano seguinte, troca Porto Alegre novamente pela capital paulista. O aclamado *Morangos mofados* sai pela Brasiliense em 1982 e se torna sucesso instantâneo. A partir da década de 1980, Caio F. começa a fazer uma extensa revisão de sua obra, que ganharia novas edições ao longo dos anos. Em mais uma breve temporada no Rio de Janeiro, é a vez de *Triângulo das águas* (1983), que vence o prêmio Jabuti de contos. Radicado novamente em São Paulo, lança *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), também laureado com o Jabuti de contos, *As frangas* (1989), seu único livro infantil, e o romance *Onde andarás Dulce Veiga?* (1990). Em 1994, descobre ser portador do vírus HIV e volta a morar em Porto Alegre na casa dos pais. Publica em 1995 os contos de *Ovelhas negras*, ganhador do Jabuti, e começa a organizar dispersos e inéditos. Morre às 13h15 do dia 25 de fevereiro de 1996, na capital gaúcha, de falência múltipla de órgãos, depois de vinte dias internado com pneumonia. Nesse mesmo ano, saem os volumes póstumos *Estranhos estrangeiros* (contos) e *Pequenas epifanias* (crônicas). Além dos contos e romances que o consolidaram como um dos nomes mais viscerais de sua geração, Caio Fernando Abreu escreveu peças de teatro e poemas e deixou uma vasta produção epistolar.